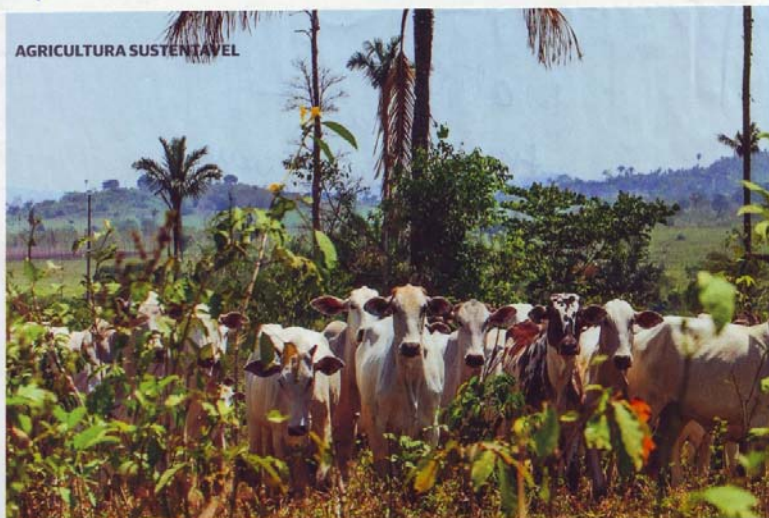




# Valor Setorial

Julho 2016  
www.valor.com.br

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL



## NOVO PADRÃO DE EFICIÊNCIA

Para cumprir o Acordo de Paris, o agronegócio precisa elevar a produtividade, recuperar pastagens e reflorestar milhões de hectares Por Andrea Viali

**A**umentar a produtividade e utilizar cada vez menos terras e recursos naturais como água e energia é o desafio do agronegócio para a próxima década. O setor é chave para que o Brasil cumpra os compromissos assumidos no Acordo de Paris, pelo qual 195 países se comprometeram a frear as emissões de gases de efeito estufa para conter as mudanças climáticas. Além de zerar o desmatamento e aumentar a participação de energias renováveis na matriz, as metas que o Brasil assumiu envolvem diretamente o setor agropecuário: elevar a produtividade de 15 milhões de hectares de pastos degradados, destinar cinco milhões de hectares aos sistemas integrados de produção (lavouras, pecuária e floresta) e reflorestar outros 12 milhões de hectares até 2030.

Com um rebanho bovino de 200 milhões de cabeças e baixa produtividade (média de um boi por hectare), a pecuária é um dos segmentos do agronegócio que mais emitem carbono. Pressionado por organizações não governamentais (ONGs) e compradores internacionais, o setor se mobiliza para alcançar padrões mais altos de eficiência e reduzir impactos ambientais.

Uma das iniciativas é o Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS), fórum que reúne a cadeia de valor da pecuária no Brasil – varejo, frigoríficos, setor financeiro, produtores de insumos e sociedade civil. Criado em 2007, o grupo atua na capacitação dos produtores rurais, disseminação de boas práticas, apoio à restau-



**Projeto de  
intensificação  
da pecuária  
em São Félix  
do Xingu (PA)**

ração de pastagens e adequação das propriedades ao Código Florestal.

"Ainda há muito espaço para melhorar, mas as áreas ocupadas com pastagens no país estão em processo de redução, ao mesmo tempo que a produtividade está aumentando, por causa da incorporação de tecnologia", afirma Fernando Sampaio, presidente do GTPS e diretor-executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec). Segundo ele, a intensificação da pecuária pode liberar até 17 milhões de hectares de pastagens, que podem servir tanto para a agricultura como para reflorestamento. A agenda do GTPS prioriza três áreas: a intensificação da pecuária, adequação legal dos produtores e origem sustentável da carne, com ênfase em mecanismos de rastreabilidade, que é uma demanda do varejo e dos consumidores.

Com as metas que vários países assumiram para reduzir as emissões de carbono, o setor teme sanções para o produto brasileiro. "Há novas barreiras não tarifárias que estão surgindo e vão ser impeditivas para exportação de produtos brasileiros. Vai ser necessário tirar carbono da atmosfera, e a pecuária é um dos setores em que isso é possível", diz Eduardo Assad, pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária. A intensificação da produção, os sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta e a melhoria das pastagens fazem parte do arsenal para reduzir as emissões. "Dos 200 milhões de cabeças de gado que temos, uma parte está em cima de

pasto bom, que tira carbono da atmosfera. Outra parte, a dos pastos degradados, emite carbono." Ele e sua equipe estão trabalhando em uma metodologia de cálculo que incorpore essas variáveis da pecuária nacional – um cálculo que, segundo Assad, não é trivial, mas poderá levar a uma certificação "carbono neutro", o que trará vantagens competitivas para a carne brasileira.

"Com melhoria dos pastos e intensificação com o sistema integração lavoura-pecuária-floresta, poderemos chegar a uma taxa de ocupação de 3,5 cabeças por hectare. Com isso, será possível termos um boi limpo, com certificação ambiental garantida e taxa de conversão em alimento muito rápida. Essa carne valerá muito", afirma Assad.

Além disso, só com a plena implementação do programa Agricultura de Baixo Carbono, iniciativa do governo federal que estimula melhorias na agricultura, como o plantio direto, o país poderá deixar de emitir, nos próximos dez anos, um bilhão de toneladas de gases de efeito estufa, quase a totalidade das emissões do país todo, estimadas em 1,3 bilhão de toneladas de CO<sub>2</sub>.

Em São Félix do Xingu, no Pará, o município com o maior rebanho bovino do Brasil e outrora recordista em desmatamento, uma iniciativa envolvendo vários elos da cadeia da carne começa a dar os primeiros resultados. O piloto "Do campo à mesa" identificou 16 produtores rurais de diferentes portes, que, nos últimos três anos, receberam apoio técnico e recursos financeiros para adotar técnicas como rotação de pastos, melhorias na

**AGRICULTURA SUSTENTÁVEL**

infraestrutura dos currais e restauração de áreas de preservação permanente, como matas ciliares. Os primeiros estudos de campo apontam para um aumento da produtividade de 54% nas fazendas, que saltaram de 0,8 para 1,85 cabeça de gado por hectare.

O projeto faz parte de uma parceria entre a ONG ambientalista TNC, Sindicato dos Produtores Rurais de São Félix do Xingu, frigorífico Marfrig, rede varejista Walmart e Fundação Moore, que investe em projetos de sustentabilidade em países emergentes. "O produtor que está na Amazônia precisa de informação, de incentivo financeiro e de apoio técnico. Quando ele conta com isso, torna-se um grande aliado da manutenção da floresta em pé", diz Francisco Fonseca, coordenador de produção sustentável da TNC.

A carne produzida pelas fazendas que participaram do piloto recebeu a identificação Rebanho Xingu e começou a ser comercializada em junho pelas lojas da rede Walmart em Brasília. O plano é que a experiência possa ser replicada em outras áreas da Amazônia para abastecer outros mercados.

A busca por produtos que tenham origem sustentável também movimentou o mercado de orgânicos, que tem se mostrado resiliente à crise. Nos últimos três anos, o número de unidades que se dedicam à produção orgânica mais que dobrou: em 2013, havia 6,7 mil unidades, entre sítios, fazendas e granjas, dedicados à produção orgânica. Neste ano, são 14,4 mil unidades no país. "Hoje, 22,5% dos municípios brasileiros produzem orgânicos", diz Rogério Dias, coordenador de agroecologia do Ministério da Agricultura. Em 2015, a

agricultura orgânica movimentou R\$ 2,5 bilhões, com taxas de crescimento de 20% ao ano.

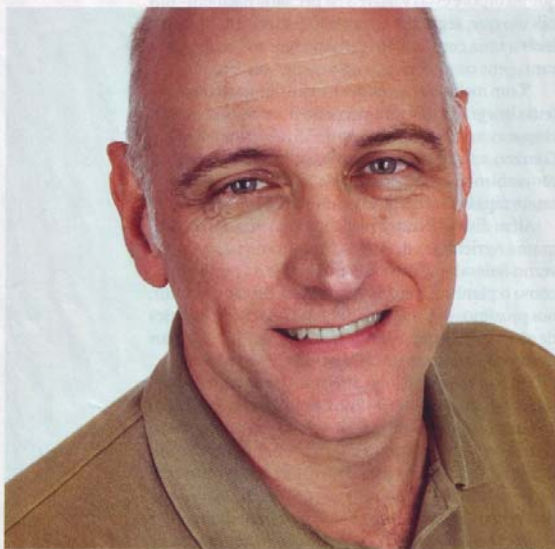
Um dos termômetros do crescimento do interesse por produtos orgânicos é a demanda pela certificação. O Instituto Biodinâmico (IBD), um dos principais certificadores de orgânicos, tem percebido a tendência do mercado em valorizar produtos da gastronomia regional, que buscam selos ambientais para agregar valor – um exemplo é a cajuína, suco de caju consumido no Nordeste, que graças ao selo de orgânico conseguiu destaque em outras regiões. "Hoje, o mercado interno se tornou o grande impulsionador da produção orgânica. O Brasil importa orgânicos de mais de 30 países", diz Alexandre Harkaly, diretor executivo do IBD.

Engana-se quem pensa que a agricultura orgânica só pode ser praticada em pequena escala. O grupo Balbo, de Sertãozinho (SP), produtor de cana-de-açúcar, é o maior empreendimento de agricultura orgânica do país, com 21,6 mil hectares de manejo orgânico certificado. A empresa foi pioneira em converter os canaviais para o cultivo agroecológico em 1987, com o projeto Cana Verde, que também aboliu a queima durante a colheita.

A princípio, o objetivo da empresa era exportar açúcar orgânico para o mercado europeu. Mas logo percebeu o potencial de mercado no país e em 2000 lançou a marca Native, que engloba açúcar, café, sucos de frutas, achocolatados e outros itens. Das 70 mil toneladas de açúcar orgânico que produz anualmente, 58 mil toneladas são voltadas à exportação, mas é no mercado interno que a empresa vem registrando as maiores taxas de crescimento, de 28% ao ano. "O consumidor brasileiro está disposto a pagar o que o orgânico vale. E não só nas classes A e B, porque um dos nossos termômetros é o crescimento das vendas nas redes de atacado", diz Leontino Balbo Júnior, vice-presidente executivo da Native e idealizador do projeto Cana Verde.

As fazendas do grupo Balbo são consideradas referência internacional na agricultura ecológica e, em junho, Balbo Júnior foi convidado a apresentar sua experiência no evento anual da Fundação Ellen MacArthur, em Londres, Inglaterra. A fundação criada pela ex-velejadora britânica difunde pelo mundo o conceito da economia circular. Diferentemente da atual economia linear, na qual o modelo econômico é pautado pelo ciclo de extrair matérias-primas, transformá-las em produtos e descartar os rejeitos, a economia circular visa manter produtos e materiais em seu mais alto nível de utilidade e valor, dissociando o desenvolvimento econômico do consumo de recursos finitos. O cultivo orgânico associado a áreas de vegetação nativa fazem das áreas de cultivo do grupo Balbo um sumidouro de carbono, e os inventários de fauna realizados em parceria com a Embrapa mostram que as áreas da empresa concentram biodiversidade superior à de florestas – tem até onça no canavial. "Não há muitos casos globais de economia circular na agricultura, então podemos inspirar outros empreendimentos", diz Balbo.

**Harkaly,  
do IBD:  
procura por  
certificação  
orgânica**



DIVULGAÇÃO